

# **As emoções e a linguagem no Facebook: elementos para o protesto político?<sup>1</sup>**

**Maria Alice Silveira**

Mestranda pelo Departamento de Ciência Política  
da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Brasil  
e-mail: m.alicesilveira@gmail.com

**Resumo:** Este trabalho busca entender como as emoções podem ser colocadas e percebidas por meio da linguagem e qual importância que elas tiveram nas manifestações de Junho de 2013, no Brasil. A partir da interpretação de textos dos comentários da Página da Assembleia Popular Horizontal, da cidade de Belo Horizonte, buscamos identificar quais foram as principais emoções percebidas e de que forma elas estão relacionadas com os protestos políticos.

**Palavras-chave:** emoções, linguagem e protestos

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no 5º Congresso Uruguaio de Ciência Política, “¿Qué ciencia política para qué democracia?”. Asociación Uruguaya de Ciencia Política, 7-10 de outubro de 2014

## **Introdução**

As emoções fazem parte da nossa vida social. Elas estão presentes em diversos aspectos das relações sociais e culturais e também na vida política. As emoções sempre tiveram um papel importante na mobilização e formação da ação coletiva. Elas são elementos formadores e impulsionadores da ação. A dinâmica e a energia emocional gerada é capaz de direcionar um grupo a lutar por objetivos em comum. Assim, as emoções seriam então um elemento-chave para a experiência da ação coletiva (Melucci, 1996).

Nesse sentido, este trabalho tem como principal objetivo identificar as principais emoções encontradas nos textos do Facebook durante as jornadas de Junho de 2013, no Brasil, procurando entender como as emoções podem se colocadas por meio da linguagem e de que forma elas influenciaram os protestos que ocorreram no país naquele ano. O interesse pelo estudo se justifica por acreditar que a linguagem e as emoções são peças-chaves para a formação e estruturação da ação coletiva e de um movimento social. Emoções como raiva, indignação, esperança e solidariedade são impulsionadores da mobilização. A linguagem aqui é importante porque as palavras ajudam a empoderar o confronto (Tarrow, 2013), e as mensagens compartilhadas entre os manifestantes ajudam a difundir o movimento e ampliar a sua repercussão.

Numa primeira parte do trabalho buscamos retomar o debate teórico sobre as emoções e a sua importância na ação coletiva. Na segunda parte, discutimos sobre a importância da linguagem para expressar as emoções. Depois, falamos sobre as emoções e linguagem na internet e como a dinâmica estabelecida pelas novas Tecnologias Informação e Comunicação (TICs) podem ajudar na difusão da linguagem do confronto. Por último, fizemos uma análise dos comentários da página da Assembleia Popular Horizontal de Belo Horizonte entre os dias 13 de junho a 13 de julho de 2013, período que engloba os dias anteriores e posteriores as manifestações na cidade de Belo Horizonte. Na análise, procuramos identificar as principais emoções expressas nos textos e de que forma elas contribuíram para o protesto político.

## **1. As emoções e a ação coletiva**

Ao falarmos sobre a importância das emoções nas ações de protestos é necessário também, procurar o lugar ocupado pelo componente emocional nos estudos sobre movimentos sociais e ação coletiva. Ao recorrermos as correntes teóricas que têm guiado o debate sobre ação coletiva e movimentos sociais, vemos um grande embate sobre racionalidade X irracionalidade dos atores coletivos, principalmente quando se fala nas emoções desses atores.

Entre as décadas de 1930 a 1960, a corrente teórica predominante dentro desses estudos se concentrava no entendimento de que havia uma desmobilização política. “O argumento disseminado era que o individualismo exacerbado da sociedade moderna teria produzido personalidades narcísicas, voltadas para a autossatisfação e de costas para a política” (Alonso, 2009, p.50). Assim, as mobilizações coletivas da sociedade de massa foram entendidas como ações com uma forte carga emocional e irracional, no qual aqueles atores mostravam apenas suas frustrações individuais (Alonso, 2009).

Na década de 1960, com o surgimento de novos atores dentro da luta política, surgem também novas correntes teóricas com o objetivo de discutir essas ações coletivas. Ao contrário do que defendia a teoria de mobilização de massas, esses novos atores não eram considerados irracionais e despolitizados, pelo contrário, os atores muitas vezes agiam de forma estratégica e organizada.

É dentro desse contexto que surge a Teoria de Mobilização de Recursos (TMR), que buscava entender a ação coletiva com base na racionalidade dos indivíduos. Dessa forma, a ação coletiva não era caótica e nem emotiva. Ela era organizada com base na ação de cálculo de custos e benefícios de um indivíduo. Para TMR, só seria possível acontecer uma ação coletiva com recursos materiais e humanos.

Em contraposição a lógica da TMR surgem as teorias dos Processos Políticos (TPP) e dos Novos Movimentos Sociais (TNMS). As duas teorias vão contra a ideia economicista colocada pela TMR<sup>2</sup>. Essas duas correntes procuram acrescentar um elemento cultural nas explicações sobre movimentos sociais e a ação coletiva. No

---

<sup>2</sup> Este artigo não tem como objetivo fazer uma discussão profunda sobre as Teorias de Ação Coletiva e Movimentos Sociais. Trata-se apenas de uma contextualização para que possamos entender os argumentos centrais do texto.

entanto, o foco de atenção da TPP se concentra numa teoria de mobilização política<sup>3</sup>, ao passo que a TNMS foca em uma teoria de mudança cultural<sup>4</sup> (Alonso, 2009).

Dentro deste debate, onde podemos colocar o papel das emoções para a ação coletiva? A leitura feita por Goodwin, Jasper e Poletta (2001) é que o componente emocional da ação coletiva ocupou um lugar periférico no campo de análise dos movimentos sociais e ação coletiva. Isso porque o papel das emoções foi visto durante muito tempo pelos estudiosos como sinônimo da irracionalidade do indivíduo. As emoções eram vistas como peças fundamentais somente para entender as ações que ocorriam fora da esfera política.

Dessa forma, analisar as emoções envolvidas no processo político seria negar a racionalidade e estratégia desses movimentos. Ao negar um componente emocional na ação coletiva, emoções foram colocadas de lado no entendimento da vida política.

Apesar disso, no campo dos estudos dos movimentos sociais e ação coletiva esse entendimento tem mudado. Com surgimento de abordagens teóricas que inseriam um elemento cultural para entender os movimentos e ações políticas coletivas, fica difícil negar que as emoções não ocupam um lugar importante nessa ação (Melucci, 1996; Jasper, 1997).

Para Jasper (2009) categorizar as emoções como algo racional ou irracional é uma ideia equivocada. Ele sugere que ao falarmos em ações de protestos pudéssemos categorizá-las como efetivas ou equivocadas e não como racional ou irracional. O autor ainda aponta que as emoções são, muitas vezes, vistas como sensações naturais do nosso corpo, agindo além do controle do indivíduo. Assim, quando as pessoas agem no “calor da emoção”, elas frustram suas intenções e impedem ações eficazes. É claro que esses tipos de atitudes acontecem, afirma o autor, no entanto, ele defende que equívocos podem ocorrer tanto em ações emocionais quanto em ações estratégicas.

No livro *Passionate Politics* (2001), Goodwin, Jasper e Polletta trazem de volta um debate sobre o papel das emoções nos movimentos sociais e na ação coletiva. Os autores destacam a importância de sentimentos como medo, raiva, indignação, alegria e amor dentro desse tipo de ação. Para os autores, “emoções, devidamente entendidas,

---

<sup>3</sup> Ver Tarrow (2009); Tilly; McAdam; Tarrow (2001)

<sup>4</sup> Ver Melucci (1996)

podem-se revelar como preocupação central na análise política” (Goodwin, Jasper e Polletta; 2001, p. 02 – tradução livre). Segundo eles, apesar de terem sido muitas vezes negligenciados pela teoria, as emoções estão presentes em conceitos bastante trabalhados por estudiosos de movimentos sociais como enquadramentos, oportunidades políticas e identidade coletiva (Tilly, 2008; Tarrow, 2009; Melucci, 1996). E isso se torna visível ao analisarmos um caso específico.

Os enquadramentos, por exemplo, podem carregar uma grande quantidade de emoções. Como Tarrow (2009) afirma, eles se formam a partir da transformação das emoções em objetivos de luta. Para o autor, emoções diferentes podem ser estimuladas com a percepção de desigualdades. A percepção de injustiça, por exemplo, é fundamental para o surgimento de um quadro interpretativo. Pois, ao se apontar uma injustiça ou descontentamento é possível identificar um inimigo e procurar soluções. Segundo Tarrow (2009), não há uma transformação significativa das reivindicações em ação sem que haja uma energia emocional.

Os eixos emocionais criados dentro do confronto é que direcionam a ação dos movimentos. Por exemplo, um quadro de injustiça em comum pode trazer a solidariedade entre os manifestantes. A ação coletiva “é feita de quadros interpretativos e emoções que visam tirar as pessoas de sua submissão, mobilizando-as para a ação em cenários conflituosos” (Tarrow, 2013, p.146).

Nesse sentido, Goodwin, Jasper e Poletta (2001) afirmam que é difícil entender esses conceitos sem levar em conta os sentimentos e crenças dos indivíduos. Ao falar sobre emoções e sentimentos, Melucci (1996) afirma que esses elementos fazem parte de uma experiência coletiva. Para o autor, o entendimento de uma dinâmica emocional é fundamental para se entender a formação da ação. Além disso, a formação de uma identidade coletiva, ou seja, “o nós” precisa também de uma energia emocional dos atores envolvidos no conflito.

Goodwin, Jasper e Poletta (2001) ainda apontam que as emoções devem ser consideradas como um aspecto das ações e relações sociais. Dessa forma, a tarefa do pesquisador deve ser a de olhar para as interações entre emoções e outras dinâmicas culturais, estratégicas e racionais. “Emoções fazem parte de ‘coisas’ que conectam seres humanos uns com os outros e o mundo em torno deles como uma lente invisível que

colore nossos pensamentos, ações, percepções e julgamentos” (Goodwin, Jasper e Poletta, 2001, p.10 – tradução livre).

Assim, podemos entender que as emoções fazem parte da nossa vida social. Elas não só fazem parte das nossas respostas para os eventos como também formam as metas das nossas ações (JASPER, 2009). Com os movimentos sociais e ação coletiva não seria diferente. Sem as emoções, seria difícil ter uma ação social. Nesse sentido, Jasper (2009) aponta que as emoções fazem parte da cultura tanto como os entendimentos cognitivos e visão moral de mundo. “Nós somos socializados (ou não socializados) a ter certos sentimentos da mesma forma que nós aprendemos ou não aprendemos sobre as nossas crenças ou valores da cultura local” (JASPER, 2009, p.176). As emoções, assim como outros aspectos da cultura, são aprendidas e controladas por meio de interação social. Elas não só acompanham nossos sonhos, como também permeiam nossas ideias, identidades e interesses.

Dessa forma, a tarefa do pesquisador deve ser a de olhar para as interações entre emoções e outras dinâmicas culturais, estratégicas e racionais. “Emoções fazem parte de ‘coisas’ que conectam seres humanos uns com os outros e o mundo em torno deles como uma lente invisível que colore nossos pensamentos, ações, percepções e julgamentos” (Goodwin, Jasper e Poletta, 2001, p.10 – tradução livre).

Seguindo a lógica dos autores, Eyerman (2005) aponta que as emoções fazem parte da dinâmica interna do movimento, estimulando sensações como raiva, amor, podendo gerar até mesmo outro movimento. Para o autor, os movimentos sociais transformam as identidades e emoções, focando a atenção, direcionando e coordenando a ação coletiva.

Nesse sentido, Collins (2001) sugere que para entender o surgimento e crescimento de uma ação coletiva ou um movimento social é importante olhar para a dinâmica emocional que existe dentro de um espaço social. A dinâmica emocional é entendida pelo autor como um “ritual de alta intensidade”, que são formados por: 1) agrupamento físico de pessoas, tendo a co-presença da consciência corporal; 2) foco compartilhado da ação e 3) foco mútuo de atenção, ou seja, cada participante se torna consciente da consciência do outro. Segundo o autor, esse foco mútuo é que permite o trabalho juntos, formando um senso compartilhado de grupo. São esses elementos da

dinâmica emocional que geram o sentimento de solidariedade; a energia emocional; os símbolos do grupo e o sentimento de moralidade.

De acordo com Collins (2001), o processo de mobilização pode começar com uma emoção, que, ao ser compartilhada e ampliada, se transforma em um foco de atenção. Para o autor, existem dois tipos de transformação emocional no que ele chama de ritual coletivo. O primeiro é a ampliação de uma emoção inicial. Ou seja, se o sentimento inicial é uma indignação moral e o foco do grupo é fazer aumentar essa indignação, deixando-a mais forte.

O segundo tipo diz respeito a transformação de uma emoção inicial em algo a mais, é a emoção que nasce da consciência de fazer parte de um grupo. Essa emoção pode gerar outros sentimentos, como o de solidariedade, fazendo o indivíduo se sentir mais forte como um membro do grupo. Isso é que o autor denomina de *energia emocional*.

O sucesso do ritual coletivo seria então a transformação de uma emoção em outra. O encontro de indivíduos e suas primeiras emoções dá lugar a outros coletivos de sentimentos, como solidariedade, entusiasmos e moralidade. Para o autor, é essa energia emocional que move a ação coletiva. Collins também aponta que a dinâmica emocional dos movimentos possui efeitos externos. E isso é importante para que os movimentos sociais possam determinar o apelo para os cidadãos que estão fora do grupo.

Ao falar sobre as emoções, Jasper (2009) difere emoções primárias e secundárias. As emoções primárias, como raiva ou surpresa, podem estar mais ligadas ao estado corporal, enquanto as emoções mais complexas ou secundárias, como compaixão ou vergonha dependem mais de um contexto cultural.

Nesse sentido, Jasper (2009) argumenta que as emoções estão relacionadas aos aspectos cognitivos. Elas envolvem crenças e pressupostos abertos a convicção cognitiva. Isso, segundo Jasper, permite um aprendizado e uma adaptação. As emoções também podem estar relacionadas aos valores moral. Nesse sentido, o entendimento de um determinado contexto de regras e obrigações é fundamental ao se analisar uma emoção.

As emoções estão presentes em todos os estágios do protesto (Jasper 2009) e algumas delas ajudam a explicar porque os indivíduos entram no protesto (sentimentos

mobilizadores), ou porque eles não se mantêm na ação coletiva (sentimentos desmobilizadores). Outras emoções surgem durante as atividades do protesto, gerando laços afetivos entre os membros de um grupo, ou mesmo sentimentos com relação a instituições, práticas e pessoas dentro e fora do grupo. Sobre isso Tarrow afirma:

Algumas emoções como amor, lealdade e reverência são claramente mais mobilizadoras do que outras como desespero, resignação e vergonha. Algumas, como a raiva, são “vitalizadoras” e é mais provável que estejam presentes na deflagração de atos de resistência, enquanto que outras, como a resignação ou depressão, são desvitalizadoras e existem, mais provavelmente, nas fases de desmobilização. Os pontos altos do confronto geram eixos emocionais em torno dos quais gira a futura direção do movimento. Com o passar do tempo, os empreendedores de movimentos se esforçarão para evocar esses eixos emocionais através da retórica, rituais e reuniões nos lugares em que ocorreram a injustiça ou vitórias passadas. (TARROW, 2009, p.145).

Ao falar sobre as recentes manifestações em larga escala que vem acontecendo em vários países do mundo, Castells (2013) descreve de forma bastante interessante como as emoções foram utilizadas e transformadas para gerar a ação dos manifestantes. Segundo o autor, em um primeiro momento, os indivíduos são tomados pelo medo. Esse é um sentimento que paralisa, não permitindo que os atores se articulem e crie uma rede de mobilização. Num segundo momento, quando os indivíduos percebem uma situação de injustiça contra eles e contra os outros, vão se sentir indignados. A indignação, segundo Castells (2013), é capaz de agregar os indivíduos, que compartilham o mesmo sentimento sobre uma determinada situação considerada injusta. E é a partir da indignação e da agregação dos indivíduos que surge a esperança. A esperança da mudança de uma determinada situação é que move os atores na luta por uma determinada causa.

Seguindo este entendimento, Jasper (2009) ilustra, por meio de um quadro, algumas emoções que podem ser consideradas relevantes para o protesto político. Ou seja, algumas emoções que ajudam a levar os indivíduos na ação coletiva e se manter no grupo.



**Table I. Some Emotions Potentially Relevant to Protest**

---

Primarily affective
<i>Hatred, Hostility, Loathing:</i> Powerful step in the creation of outrage and the fixing of blame. Can alter goals from practical results to punishment of opponents.
<i>Love:</i> One can have erotic and other attachments to people already in a movement; love also shapes one's affective map of the world.
<i>Solidarity, Loyalty:</i> Positive feelings toward others can lead to action on behalf of that group or category.
<i>Suspicion, Paranoia:</i> Often lead to indignation and articulation of blame.
<i>Trust, Respect:</i> Basic positive affects that influence other emotional and cognitive responses, patterns of alliances, and credibility.
Primarily reactive
<i>Anger:</i> Can have many sources, and can be channeled in many directions, including both rage and outrage. Can interfere with effective strategies.
<i>Grief, Loss, Sorrow:</i> Loss, especially of a loved one, can bring on life passage and raise issues of the meaning of life.
<i>Outrage, Indignation:</i> These build on other emotions, largely by providing a target or analysis.
<i>Shame:</i> Can lead to anger and aggressive reactions.
Moods and others in between
<i>Compassion, Sympathy, Pity:</i> One can imagine the plight of others and develop a desire to help them.
<i>Cynicism, Depression:</i> They discourage protest by dampening hopes for change.
<i>Defiance:</i> Stance that encourages resistance.
<i>Enthusiasm, Pride:</i> Positive emotions that protest leaders try to encourage: enthusiasm for the movement and cause, pride in the associated collective identity, as in Black Power, gay and lesbian rights.
<i>Envy, Resentment:</i> Exaggerated by early crowd theorists, these are emotions that few admit to and which usually lead to actions other than protest; yet they may also appear among protestors.
<i>Fear, Dread:</i> These can arise from a sense of threat to one's daily routines or moral beliefs. They can paralyze but also be developed into outrage.
<i>Joy, Hope:</i> One can be attracted by the joys of empowerment, a sense of "flow" in protest and politics, or the anticipation of a better state of affairs in the future.
<i>Resignation:</i> Like cynicism, can dampen perceived possibility for change.

---

Fonte: JASPER, James. Emotions in Protest, p. 181. In: GOODWIN, Jeff and JASPER, James M. The social movements reader: cases and concept. United Kingdom, Blackwell Publishing, 2009.

Essas principais emoções listadas por Jasper vão nos auxiliar no desenvolvimento do nosso trabalho ao analisar os posts e comentários da página no Facebook, tentaremos

identificar algumas dessas emoções listadas pelo autor, corroborando com a ideia de que eles podem levar a ação coletiva.

## **2. As emoções e a linguagem**

Os repertórios de ação e os desafios da ação coletiva estão sempre recriando a efervescência do movimento e colocando, muitas vezes, novas emoções. Os movimentos transformam os códigos em símbolos, sejam eles novos ou velhos. Esses símbolos são, muitas vezes, representados por frases, palavras, músicas e formas de se vestir. Com eles é possível traduzir um objetivo coletivo, fazendo com que as pessoas se identifique com os movimentos. Para Kane (2001), o principal lugar para olhar para emoções nos movimentos sociais está nas estruturas simbólicas e culturais do movimento.

Nesse sentido, entendemos aqui que a linguagem é uma das formas que nos permitem expressar emoções (Tarrow, 2009). Ao falar sobre a importância da linguagem, Tarrow (2013) afirma que as palavras são capazes de empoderar o confronto, emergindo de uma variedade de fontes como em conversas do dia a dia, contos populares e música. Os repertórios discursivos estão diretamente ligados a ação coletiva que os grupos desenvolvem para alcançar seus objetivos. “(...) a mobilização das palavras podem, na verdade, mudar a forma como as pessoas agem coletivamente” (TARROW, 2013, p.03 – tradução livre). Para o autor, mesmo pequenas mudanças na linguagem podem denotar uma maior mudança nos comportamentos.

A linguagem está carregada de emoções. Por meio de palavras e imagens é possível despertar sentimentos. Para Tarrow (2013), o confronto da linguagem não expressa somente as mobilizações, mas estimula emoções e direciona episódios de confronto. “Símbolos, mentalidades e narrativas que os atores empregam podem trazer mudanças reais para o confronto político” (TARROW, 2013, p. 05). As novas palavras para o confronto, como afirma Tarrow, se difundem para novos atores para além das fronteiras territorial e social.

Tarrow (2013) enumera cinco características importantes que a história nos mostra sobre a linguagem de confronto: 1) As palavras que emergem como símbolos de confronto são raramente inventadas no local. Elas vêm de fontes do discurso comum, de contos populares etc; 2) Os significados das palavras mudam, emergem e se difundem a

todo tempo; 3) As mudanças na linguagem do confronto são dialógicas. Ela resulta do impulso ou do bloqueio do processo político e do ritmo das mudanças políticas e culturais. A construção da linguagem é feita por meio da interação entre os atores e o contingente de ação; 4) Além de ser uma expressão de algo, as palavras podem mobilizar, unir ou dividir um grupo, ou mesmo conquistar um objetivo; 5) Por último, Tarrow (2013) coloca que as algumas palavras podem sobreviver e difundir como símbolos do confronto enquanto outras podem desaparecer.

Ao falar sobre as estruturas das narrativas, Eyerman (2005) coloca que os quadros cognitivos presentes nessa estrutura podem focar e colocar as emoções e ações em várias direções. As narrativas, segundo o autor, contêm histórias e conselhos que ligam uma experiência particular com outras, ampliando o significado da experiência.

Em seu trabalho sobre a luta pela reestruturação do sistema de terras na Irlanda, no século XIX, Anne Kane (2001) fala como as narrativas e metáforas foram importantes na formação e articulação daquele movimento. A autora mostra como a solidariedade e aliança política podem ser possíveis por meio da construção de sistemas simbólicos de significados. O argumento de Kane (2001) é que as emoções são metaforicamente condicionadas e organizadas e, muitas vezes, estruturadas em narrativas. Ela ainda aponta que as narrativas são frequentemente construídas a partir de conceituação metafóricas das emoções.

As metáforas são importantes para o entendimento de algo que é mais difícil, complexo ou abstrato. Nem sempre as emoções são fáceis de entender ou de expressar. Por isso, conceituar ou descrever emoções e sentimentos pode ser facilitado por meio da construção de metáforas. A raiva, por exemplo, muitas vezes é expressada em metáforas relacionadas ao calor, já o amor pode ser expressado em metáforas relacionadas a ideia de nutrir.

Para a autora, as narrativas de emoções são como nós aprendemos e entendemos nossas emoções. Na sua pesquisa, a autora apresenta trechos de narrativas compartilhadas nos encontros dos participantes do movimento e faz uma análise da estrutura emocional dos textos. Ela apresenta as narrativas predominantes no início do movimento, que eram relacionadas a humilhação, vergonha e raiva e mostra as transformações desses textos durante a luta pela terra. As principais emoções

encontradas no discurso foram: raiva, humilhação, vergonha, medo, tristeza, indignação, desgosto, ódio, amor, orgulho, solidariedade e entusiasmo.

Para a autora, a narrativa emocional produz uma visão de mudança e de ação. Segundo Kane (2001) esse processo ajudou a construção da solidariedade entre os diferentes grupos que participavam do movimento. Identificar e entender as estruturas emocionais dentro de uma narrativa pode nos ajudar a entender as ações do movimento social.

Polletta (2006) também aponta a importância da linguagem e das narrativas. Para a autora, elas ajudam a sustentar os grupos a lutarem por reformas, construir novas identidades coletivas e relacionar ações correntes com atos heroicos do passado e projetos de futuro. Mesmo antes de um movimento emergir, as histórias circulam dentro das comunidades, formando um contraponto aos opositores. As narrativas, segundo Polletta, ajudam a identificar as condições estruturais em que a cultura pode ter força na definição de novos interesses e identidades.

### **3. Emoções, linguagem e internet: elementos para o protesto político**

Ao falar aqui sobre a importância da linguagem e das emoções para os protestos e para a ação coletiva, devemos ter claro o que entendemos por esses conceitos. Os protestos políticos fazem parte de um conjunto de ações coletivas de confronto. Esse confronto político é entendido como algo episódico, público e de interação entre indivíduos (Mc Adam, Tarrow e Tilly, 2001). O protesto seria um dos vários tipos de repertório de ação<sup>5</sup> de confronto. A ação coletiva é entendida aqui como um esforço mútuo em favor de um compartilhamento de interesses e programas (Tilly, 2008). Ela se torna contenciosa quando ela é realizada por pessoas que não têm acesso às instituições, desafiando os outros, as autoridades e o estado e também reivindicando novas demandas. Esses atores agem em função de uma exigência nova ou de algo que não foi atendido (Tarrow, 2009).

---

<sup>5</sup> Segundo o entendimento de Tilly (2008) e Tarrow (2009) repertórios de ação são as diversas maneiras no qual um grupo de indivíduos age em busca de interesses que são compartilhados entre eles. O repertório pode descrever o que acontece em um determinado contexto, identificando rotinas que são aprendidas, compartilhadas e executadas. Os repertórios de ação modernos são definidos por serem modulares, cosmopolitas e autônomos (Tarrow, 2009). O repertório é um conceito que é concomitantemente estrutural e cultural que devem ter sempre um significado, uma mensagem.

Os protestos não são repertórios de ação novos, mas eles têm se intensificado desde a década de 1980 (Norris, 2002). Muitas dessas formas de manifestações têm sido desenvolvidas por cidadãos comuns que mostram sua insatisfação com os grupos que estão no poder (Castells, 2013).

Desde o surgimento do movimento Zapatista, no México, em 1994, e depois, a batalha de Seattle, nos EUA, em 1999, os movimentos sociais e os protestos políticos vêm conseguindo, cada vez mais, atravessar as fronteiras dos territórios nacionais, repercutindo suas causas em outros países, e alcançando um grande número de simpatizantes. O uso da internet para divulgação e difusão da luta do grupo foi extremamente importante para o sucesso do movimento. Sobre o movimento Zapatista, Tarrow (2013) afirma que aquelas conexões trouxeram ativistas, fundos e declarações de solidariedade para o movimento em Chiapas.

Com a internet, foi possível ampliar a mensagem do movimento. Os Zapatistas conseguiram desencadear um movimento internacional de solidariedade e inspirou a luta de outros grupos indígenas na América Latina. Para Tarrow (2013), esse foi um episódio importante na formação e na difusão da linguagem do confronto. Segundo o autor, um episódio de sucesso de confronto de linguagem tende a se expandir para outros lugares.

O ano de 2011 foi emblemático no que diz respeito a repertórios de protestos. Sem dúvidas, as redes sociais online e as novas tecnologias de informação e comunicação (TICs) tiveram um papel importante nesses movimentos. Em diversos lugares do mundo, inúmeros protestos e manifestações chamaram a atenção da mídia e da sociedade. A Primavera Árabe foi um desses movimentos que ganharam repercussão internacional. As grandes manifestações que ocorreram em países como Egito e Tunísia desencadearam na queda dos governantes desses países. Nesse mesmo ano, inspirados pela Primavera Árabe, surgem também Os Indignados, na Espanha, e o Occupy Wall Street, nos EUA. “Em Madrid, eles estão indignados. Em Cairo, eles derrubaram o regime. Em Nova Iorque, eles ocuparam Wall Street” (GAUTNEY, 2012, p.01 – tradução livre).

Os manifestantes utilizaram as redes sociais online para ajudar na organização do protesto, discutirem sobre as principais pautas e se organizarem. O grande palco para o encontro das manifestações foram as ruas e os espaços públicos. A Praça Tahrir,

localizada em Cairo, ficou conhecida mundialmente pela revolução no Egito. Em Madrid, os Indignados acamparam na Praça do Sol. Em Nova Iorque, os manifestantes ficaram acampados no Zucotti Park.

Em 2013, protestos e manifestações continuaram a chamar atenção da opinião pública. Na Turquia, os protestos ambientais contra a demolição de árvores no parque Parque Taskim Gezi, em Istambul, para a possível construção de um centro comercial, ganharam repercussão depois da violenta repressão policial contra os manifestantes. Após esses acontecimentos, os protestos se intensificaram e se transformaram em manifestações contra o governo.

O Brasil também vivenciou um período de protestos em massa. Em junho de 2013, período em que o país teve uma grande visibilidade mundial por sediar a Copa das Confederações, manifestantes saíram às ruas de São Paulo para protestar contra os aumentos da tarifa do transporte público. Após intensa repressão policial, divulgada primeiramente pelas redes sociais online e, posteriormente, pela mídia tradicional, os protestos foram difundidos por todo o país. Em várias cidades, manifestantes se reuniram em praças e avenidas para expressar sua indignação.

Os motivos dos protestos eram diversificados, e cada um levou a sua pauta de reivindicação. Mas, muitas das manifestações, conforme afirma Castells (2013), se concentravam no discurso contra a corrupção. “Como em todo mundo, diziam os manifestantes, a democracia tem sido sequestrada por profissionais da política que, em sua diversidade, estão quase todos de acordo em que a política é coisa de políticos, não dos cidadãos” (CASTELLS, 2013, p.178).

Obviamente, esses movimentos citados anteriormente surgiram em contextos bastante diferentes, tendo, cada um, suas oportunidades e restrições domésticas (Tarrow, 2009). No entanto, o uso das novas Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) foi uma característica comum nesses processos.

Ao longo da história e até os dias de hoje, a comunicação possui um papel fundamental na formação de movimentos sociais e ações coletivas (Castells, 2013). Como reforça Silva (2012), a ação coletiva de engajamento político sempre vai exigir algum nível de atividade comunicativa.

Nesse sentido, a TICs tiveram um papel importante dentro desse novo contexto. Por meio das redes sociais online, foi possível uma maior articulação entre os manifestantes e difusão da informação. As inovações tecnológicas dos últimos anos (internet, celulares) têm permitido uma comunicação mais rápida e fácil no calor da ação, acelerando essa adaptação.

Com a internet, os movimentos e ações de protestos têm se propagado de forma bastante rápida para outros países. Para Silva (2013) é na emergência de redes sociais online e aumento do uso de aparelhos como celulares, smartphones e tablets que tem repercutido as mudanças na ação coletiva. Na web, principalmente nas redes sociais online, inúmeras manifestações, protestos e petições surgem todos os dias. As TICs têm permitido uma articulação acelerada e que pode ser feita para além das fronteiras geográficas.

Ao falar sobre os conflitos nas sociedades contemporâneas, Pereira (2011) aponta que eles serão baseados na luta pelos significados construídos por aparatos informacionais. Para o autor, os movimentos sociais contemporâneos buscam promover a democratização das relações sociais dentro da sociedade civil, com a redefinição de normas, papéis, identidades e dos modos de interpretação dos discursos na esfera pública.

Para Castells (1999), estamos vivendo no que ele chama de Sociedade da Informação, onde a internet vai ser a base tecnológica para a forma organizacional dessa sociedade. Assim, os movimentos sociais do século XXI e as ações coletivas têm se manifestados na e pela internet, e ela se ajusta às características básicas do tipo de movimento social que está surgindo na Era da Informação. A internet se torna então um meio essencial de expressão para esses tipos de manifestações, que provocam impacto no mundo da mídia e atuam nas instituições e organizações por meio das repercussões na opinião pública.

De acordo com Norris (2002), a internet tem alterado a dinâmica dos protestos. O alcance global e em tempo real faz com que a internet se torne um movimento eficaz para as redes transnacionais. “(...) as tecnologias digitais facilitam a rede das redes, que se tornam um ambiente onde a sociedade civil e a esfera pública florescem” (NORRIS, 2002, p.209 – tradução livre). Para Bennett e Toft (2010) as tecnologias da informação

têm tido um importante significado nas formas de mobilizações, pois, muitas vezes, elas permitem que populações diversas encontrem, nas redes, uma causa em comum que desafiam as estruturas convencionais de organização.

Assim, ao facilitar o processo de envio e ampliação da mensagem, podemos entender que a internet se tornou uma eficaz aliada para a linguagem do confronto. Os manifestantes interagem e se articulam por meio de mensagens e imagens nas redes. Daí a importância de se entender a performance e a narrativa do confronto. As palavras refletem o contexto das mudanças sociais e políticas. Os símbolos e narrativas que os atores empregam podem trazer mudanças no confronto político (Tarrow, 2013). A luta política não passa só pela luta nas ruas, mas por uma disputa de significados entre os estados e os grupos políticos (Tarrow, 2009).

De acordo com Castells (2013), é conectando-se uns aos outros e compartilhando dos mesmos sentimentos que as pessoas conseguem unir forças e desafiar o poder dominante. Essa conexão, por sua vez, depende de redes de comunicação interativas. Daí a importância da internet na difusão e dinâmica desses movimentos. “(...) é por meio dessas redes de comunicação digital que os movimentos vivem e atuam, certamente interagindo com a comunicação face a face e com a ocupação do espaço urbano” (CASTELLS, 2013, p. 167).

#### **4. Metodologia e análise da página Assembleia Popular Horizontal.**

Como foi dito anteriormente, o Brasil viveu um intenso período de grandes manifestações durante o mês de junho de 2013. Os protestos, que começaram no início de junho, em São Paulo, – articulados pelo movimento Passe Livre (MPL)<sup>6</sup> – ganharam uma grande repercussão nacional e midiática após uma manifestação fortemente reprimida pela polícia, ferindo manifestantes e jornalistas. Vale lembrar que o Brasil passava por um momento de grande visibilidade mundial, já que neste período o país sediava a Copa das Confederações.

---

<sup>6</sup> O MPL é um movimento social brasileiro que defende a tarifa zero para o transporte público no país. O MPL SP se define “um grupo de pessoas comuns que se juntam para discutir e lutar por outro projeto de transporte para a cidade. Não somos filiados a nenhum partido ou instituição”. Fonte: <http://saopaulo.mpl.org.br/>



A partir dessa repercussão, vários cidadãos, indignados com a atuação da polícia e insatisfeitos com o sistema político brasileiro foram às ruas em outras cidades do país para reivindicar melhorias. O uso de redes sociais como Facebook, YouTube, e Twitter foram fundamentais para que os manifestantes pudessem se organizar. Um exemplo foram os eventos criados no Facebook convocando as pessoas para as manifestações.

As pautas dos protestos foram extremamente variadas, indo desde ao gasto excessivo com as obras da Copa do Mundo (no qual o Brasil foi país-sede em 2014), mobilidade urbana, melhorias na saúde e educação até a indignação com a corrupção generalizada do sistema político. Capitais brasileiras, como Belo Horizonte, São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília foram palcos de intensos confrontos entre os manifestantes e a polícia.

É dentro desse contexto que o trabalho propõe uma análise da página no Facebook da Assembleia Popular Horizontal de Belo Horizonte, capital do estado de Minas Gerais. O objeto foi identificar como as principais emoções podem ser percebidas nos comentários das páginas (comentários) durante o período em que ocorreram os protestos nas ruas da cidade e de que forma elas contribuíram para a ação coletiva. A escolha da rede social Facebook foi feita porque ela é a principal rede social utilizada pelos brasileiros<sup>7</sup>, tendo um papel importante durante aquelas manifestações, circulando um grande fluxo de informações sobre os protestos.

Para o desenvolvimento deste trabalho, foi feita, a partir de uma abordagem qualitativa, a interpretação dos textos nos comentários da página da Assembleia Popular Horizontal. Trata-se de uma análise subjetiva do pesquisador, o que nos leva um grande desafio. Em algumas situações é difícil identificar quando uma emoção é expressada. Nem sempre elas estão expostas nas palavras em si, mas estão colocadas dentro de um contexto dos acontecimentos.

Dessa forma, a nossa tarefa aqui foi fazer uma interpretação cuidadosa dos posts e comentários e tentar entender o contexto em que essas mensagens foram colocadas. Nesse sentido, tentar compreender o contexto geral da época em que as mensagens

---

<sup>7</sup> <http://www.techenet.com/2014/05/veja-a-lista-das-redes-sociais-mais-acessadas-no-brasil/>

foram postadas – período de intensos protestos, com uma grande cobertura midiática e uma grande repercussão da opinião pública - pode nos guiar a perceber as emoções que estavam inseridas dentro desses textos.

#### **4.1 A página da Assembleia Popular Horizontal**

A Assembleia Popular Horizontal é auto-definida como um espaço aberto, horizontal e autônomo que converge lutas, movimentos e pessoas em Belo Horizonte”. Trata-se de um fórum de diálogo horizontal e autônomo para formulação de pautas e propostas para próximas mobilizações<sup>8</sup>. A escolha da página foi feita porque a APH teve um papel importante nas manifestações de junho. Por meio das Assembleias que eram realizadas embaixo do viaduto do bairro Santa Tereza, foram definidas pautas e formas de ação para o protesto. Além de definição das datas e divulgação das manifestações, a APH ganhou legitimidade durante os protestos de junho e a sua página se tornou referência para quem queria acompanhar e divulgar as manifestações. Atualmente a página possui 13.862 seguidores.<sup>9</sup>

Foram coletados dados referentes às postagens entre os dias 13-06-2013 a 13-07-2013. No entanto, a página tem seu primeiro post publicado no dia 20-06-2013. A escolha desse período foi feita porque, como foi dito, foi um momento marcado por intensas manifestações populares em larga escala, principalmente, após a manifestação na cidade de São Paulo, onde os manifestantes foram fortemente reprimidos. Além disso, esse período selecionado também compreendeu os dias em que o Brasil sediou a Copa das Confederações da FIFA.

Para extrair os posts e comentários das páginas foi utilizado o aplicativo Netvizz. O aplicativo consegue coletar dados do Facebook de páginas, perfis e grupos e que pode ser utilizados em diversas abordagens metodológicas. A coleta dos dados da página da APH foi feita pelo aplicativo durante o mês de agosto de 2014. O aplicativo permite voltar na linha do tempo de uma página e extrair dados mais antigos. No entanto, se alguns posts e comentários foram apagados, seja pelo dono de uma página, ou por quem

---

<sup>8</sup> Fonte: <https://www.facebook.com/AssembleiaPopularBH/info>

<sup>9</sup> Último acesso feito em 31-08-2014

postou as mensagens, esses dados não podem ser recuperados pela ferramenta. Por ser de uso exclusivo para fins acadêmicos, o Netvizz também preserva a identidade das pessoas<sup>10</sup>.

Após extrair os dados do Netvizz, utilizamos um script em Python, desenvolvido pelo laboratório Labic, que tem o objetivo de auxiliar o pesquisador a analisar as palavras nas narrativas do Facebook.<sup>11</sup>

Durante o período selecionado foram extraídos um total de 3.153 mensagens de textos, entre elas, 436 posts e 2.716 comentários. Como a análise do trabalho foca na interpretação dos textos, fizemos um recorte no número de comentários a serem analisados. Para este trabalho vamos analisar os comentários que tiveram uma maior popularidade na página. Aqui entenderemos como comentários populares aqueles que tiveram no mínimo cinco curtidas. Numa etapa posterior dessa pesquisa, será feita a análise dos outros comentários da página e também de outras páginas do Facebook que serão escolhidas posteriormente.

A partir do nosso recorte no número de comentários (mínimo de cinco curtidas) selecionamos 167 comentários. Desse número, um componente emocional foi identificado nos textos de 35 comentários. A identificação, como foi dito anteriormente, foi feita por meio da interpretação dos textos, respeitando e tentando entender o contexto dentro e fora das redes sociais online. Abaixo veremos a seguir alguns desses posts

## **4.2 As emoções na página da APH**

Antes de começar a análise dos comentários, vamos colocar alguns dados da página, como o número de posts, comentários e também as principais palavras e hastags que foram escritas no período coletado. Essas informações são importantes para contextualizarmos o trabalho que tem sido feito.

---

<sup>10</sup> Mais informações sobre o aplicativo: [http://rieder.polsys.net/files/rieder\\_websci.pdf](http://rieder.polsys.net/files/rieder_websci.pdf)

<sup>11</sup> Fonte: <http://www.labic.net/blog-2/pesquisa/nar-um-script-para-analisar-a-semantica-e-a-movimentacao-interativa-nas-fanpages-do-facebook/>

Dados sobre a página:

<b>Posts</b>	<b>Comentários</b>	<b>Comentários selecionados</b>	<b>Comentários com componente emocional</b>
436	2.717	167	35

<b>Tipo de emoções identificadas</b>	<b>Número de vezes</b>
Solidariedade	12
Orgulho	9
Esperança	6
Entusiasmo	5
Indignação	5
Amor	2
Confiança	1
Empatia	1
Raiva	1
Tristeza	1
União	1

Algumas das principais palavras citadas nos comentários da página:

<b>Palavras</b>	<b>Número de vezes citada</b>
Povo	166
Assembleia	134
Parabéns	123
Pessoal	105
Prefeito	101
Câmara	101
Ocupação	77
Reunião	70
Transporte	71
Movimento	66

Política	49
Público	49
Rua	48
Luta	49

Principais hastags nos comentários:

Hastag	Número de vezes citada
#ocupacamara	3
#póstv	2
#protestobh	2
#assembleiapopularbh	2
#resistenciabh	2
#bhnasruas	2
#mídiaininja	2
#bhnews	2
#resistênciabh	1
#assembleiapopularhorizontalmerepresenta	1

As emoções mais percebidas dentro dos textos analisados foram a solidariedade, orgulho, esperança, indignação e entusiasmo. É importante lembrar também que em um comentário foi possível perceber vários tipos de emoções.

Sem dúvidas, o sentimento mais percebido nos comentários durante o período analisado foi a solidariedade. Como já vimos, o sentimento de solidariedade é fundamental para a formação dos movimentos sociais (Tarrow, 2009). É com esse sentimento que se faz possível que as pessoas se identifiquem umas com as outras dentro de um grupo e consigam trabalhar em busca de um objetivo comum.

Um dos posts mais comentados na página foi o que noticiava a morte do manifestante Luiz Felipe Aniceto de Almeida, de 22 anos. Luís Felipe estava internado em estado crítico após cair de um viaduto próximo ao estádio do Mineirão, durante a manifestação do dia 22 de junho, que reuniu cerca de 60 mil pessoas.<sup>12</sup> Na data e no momento da manifestação estava ocorrendo a partida entre Japão e México, na Copa das Confederações (Pereira e Santos, 2014). No post foi possível perceber a tristeza, pela morte de um jovem manifestante e a indignação pela falta de responsabilidade dos culpados.

### **Post 1**

*Acaba de falecer mais um companheiro que caiu do Viaduto José Alencar durante as manifestações das últimas semanas. Luis Felipe Aniceto de Almeida tinha 22 anos e estava internado no Hospital João XXIII desde o dia 22 de junho. Ele caiu do Viaduto durante o confronto entre os manifestantes e a policia que ocorreu nos arredores do Mineirão no dia em que México e Japão jogavam pela Copa das Confederações. Segundo a mãe de Luis Felipe, a filha dele fez um ano hoje. A Assembleia Popular Horizontal EXIGE a responsabilização dos culpados, Estado e Polícia.*

### **Comentário 1**

*companheiro Luiz Felipe, Presente!!!! na minha opinião a família dos dois companheiros deveriam abrir um processo contra o estado, pela ação exagerada e deficiente da Policia.*

### **Comentário 2**

*Toda a solidariedade para a família do Luís Felipe!*

### **Comentário 3**

*Olá pessoal, estou verdadeiramente triste com isso e queria fazer uma observação. Talvez por uma característica inerente ao movimento, que meio que começou sem uma organização, sem lideranças etc, às vezes o sentimento é de que as coisas são meio individualistas, muito "cada um com sua causa", o que não é nossa culpa, porque isso estão sendo moldado a cada dia. Vi algumas críticas, que em parte concordo, de que a família do Douglas, agora do Luís, estão sofrendo sozinhas*

### **Comentário 3**

---

<sup>12</sup> O palco dos principais confrontos entre manifestantes e policiais ocorreu no viaduto da Avenida Antônio Carlos, próximo ao estádio do Mineirão, onde estava ocorrendo os jogos da Copa das Confederações. O viaduto delimitava a marcação do território da FIFA durante os jogos no torneio. Nas manifestações que ocorreram no local, três jovens caíram do viaduto, dois deles morreram.

*eu só peço e luto pra que não seja em vão ... :/*

A solidariedade e tristeza estiveram presentes na maioria dos posts sobre a morte do manifestante. Também podemos notar a indignação e a raiva ao responsabilizar o Estado pela morte do rapaz. A esperança também pode ser identificada no comentário acima, onde uma pessoa diz: “eu só peço e luto pra que não seja em vão... :/”. Ao dizer isso, é possível entender que a luta por algo melhor continua e que há esperança de se conquistar esse objetivo.

Em outros posts também pudemos identificar a solidariedade das pessoas nos comentários. Mas também, foi possível identificar outros sentimentos, como veremos abaixo. Muitos comentários que tiveram a repercussão diziam respeito a ocupação da Câmara de Vereadores de Belo Horizonte. Essa foi uma decisão tomada pela APH, onde manifestantes ocuparam a câmara a fim de discutirem com as autoridades do município sobre a planilha de gastos do transporte público. Os manifestantes ficaram acampados na câmara durante 09 dias<sup>13</sup>.

#### **Post**

*6h da manhã serenata para acordar os companheiros! Vem pra Câmara você também! PRECISAMOS DE VOCÊS. #ocupeCâmaraBh #vempraruabh #ProtestoBH #BHnasruas #RESISTÊNCIA BH*

#### **Comentário**

*Caca, foi lindo, emblemático, Épico! SEM PALAVRAS PRA DESCREVER! Chega mais, galera, vem fortalecer a ocupação!*

#### **Post**

*A comissão de alimentação armou uma cozinha na Câmara Municipal de Belo Horizonte e preparou o rango pra todo mundo! Foto: Maria Objetiva Toda a ocupação está sendo transmitida pela Pós Tv: [www.postv.org](http://www.postv.org)*

#### **Comentário**

*Agora eu lembrei daquela noite quando ocupamos o Borges da Costa. E olha que tava sujo, sem luz e cheio de entulho... e dali surgiu a Moradia Estudantil da UFMG. Vai nessa galera que tá dando orgulho de ver.... e ainda com transmissão ao vivo: É um presente !*

---

<sup>13</sup> Fonte: <http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2013/07/07/apos-nove-dias-de-ocupacao-manifestantes-deixam-camara-municipal-de-belo-horizonte.htm>

## Post

*VEM OCUPAR TAMBÉM ! Programação cultural #ocupecamarabh (Sujeito a alterações sem aviso prévio) 02/07-9h- Alongamento coletivo e meditação 02/07-13h-Conversa aberta-Lutas no Brasil e no mundo- Com presença de pessoas que foram para outros países como Egito e Hungria e irão contar suas experiências. 02/07- 15h-Conversa aberta: Metodologia de construção e realização de Assembleias\_ Horizontalidade e autogestão. 02/07- 16h -Conversa Aberta: \_Morro na favela ã© verbo\_: Reflexões sobre a relação favela/asfalto criminalização da pobreza e desmilitarização da PM. 02/07-17h- Conversa aberta: A Comissão de Arte e cultura da Assembleia Popular Horizontal de BH irá discutir propostas e deliberações políticas para os setores de Arte e Cultura nas esferas Municipais\_ Estaduais e Federais. Caso a ocupação ainda continue : 03/07-17h-Discussão sobre o Metrô de MG- Com a utilização do estudo técnico do ILEASE (Instituto Latino Americano de Estudos Socioeconômico)\_como base para as discussões. 04/07- 16h-Conversa Aberta: A comissão de comunicação do meio ambiente e Movimento Salve Gandarela\_ convida para a apresentação da Criação Parque Nacional da Serra do Gandarela e conflitos Minerários. • #vempraruabh #protestosbh #bhnasruas #marciolacerda #prefeituramunicipaldebh*

## Comentário

*além disso, vale ressaltar, a ocupação hoje está sendo mantida pela POPULAÇÃO DE BH, que com sua solidariedade e empatia nos envia as doações de alimentos e outros itens, ou seja, muita gente está sim se sentindo representada por essa ocupação!*

Além da solidariedade ao ajudar as pessoas que estavam no movimento – ao levar mantimentos e produtos de primeira necessidade para a ocupação -, é possível também perceber o orgulho e o entusiasmo com a ocupação e também um sentimento de união. As pessoas se sentiram felizes e representadas por aquilo que estava acontecendo. Uma pessoa lembra quando foi feita uma ocupação que, segundo ele, desencadeou na construção da moradia da Universidade Federal de Minas Gerais. Aí também é possível notar a esperança de que algo pode ser mudado e conquistado pelo movimento.

Os sentimentos citados anteriormente também foram encontrados nos comentários abaixo:



**Post:**

*Os delegados escolhidos pela Assembleia Horizontal que estavam em reunião com o Prefeito Marcio Lacerda na prefeitura Municipal de Belo Horizonte já estão na ocupação. Neste momento eles repassam o que foi discutido. As delegadas que compunham a mesa de negociação acusam o Prefeito de ser machista e sempre interromperem as falas das mulheres presentes na mesa. #OcupaCâmaraBH\_ #AssembleiaPopularBH\_ #ProtestoBH\_ #MídiaNINJA\_ #PósTV*

**Comentário**

*parabéns a delegação! a assembleia me representa!*

**Post:**

*Não somos poesia, não somos massagem, não somos literatura, não somos arte, não somos piano, não somos banho de mangueira. Somos o #ocupecamarabh !!Junte-se a nós venha pra Câmara Municipal. O Marcio Lacerda vai ter que nos ouvir!*

**Comentário:**

*Eu amo tudo isso que estamos vivendo, amo e acredito muito na Assembleia Popular, me orgulho muito mesmo, hoje estarei ai as 19 horas.*

Ao dizer que a Assembleia o representa, a pessoa que comenta o post reforça a ideia de união que fortalece o grupo. No segundo post, a APH chama as pessoas para se unirem e ocuparem a Câmara de BH. No comentário referente a esse post, a pessoa coloca o quanto ama aquilo que está acontecendo e como sente orgulho daquele momento.

A partir da interpretação dos textos escritos nos comentários da página pudemos encontrar diversos sentimentos incorporados nas frases e palavras analisadas. Em alguns casos, mais de um sentimento foi percebido em um comentário. A maior parte deles diziam respeito a sentimentos de solidariedade, indignação, esperança, orgulho e entusiasmo. Esses sentimentos são considerados pela literatura como sensações fundamentais para a mobilização política. Ao mesmo tempo, não foram encontrados sentimentos desmobilizadores, como desespero e resignação. Isso pode ser justificado devido ao contexto vivido no país naquele momento. As pessoas estavam indo às ruas, acompanhando as manifestações por meio da mídia, principalmente pelas redes sociais

online, discutindo no dia a dia sobre o que estava acontecendo. As pessoas estavam engajadas no confronto político naquele momento.

### **Considerações Finais**

Neste trabalho procuramos entender o papel colocado pelas emoções na ação de político de protesto. A partir de uma revisão teórica procuramos retomar o debate sobre a importância do componente emocional para a ação coletiva e para a formação de movimentos sociais.

Procuramos também entender como a linguagem pode ser importante para o confronto político. A partir do entendimento de Tarrow (2013), apontamos que o confronto da linguagem está presente juntamente com a ação coletiva de confronto. Nesse sentido, a internet tem sido uma ferramenta importante para o confronto da linguagem. Por meio das redes sociais online, as pessoas têm enviado mensagens, divulgando suas causas e alcançando simpatizantes em diversos lugares do mundo.

A partir da análise feita da página do Facebook da Assembleia Popular Horizontal, procuramos identificar as principais emoções percebidas nos textos escritos nos comentários da página. Ao encontrarmos emoções como solidariedade, orgulho e entusiasmo, pudemos linkar com o momento de efervescência que o país estava vivendo, com as grandes manifestações de rua.

Esse trabalho buscou retomar a discussão sobre a importância das emoções, bem como tentar aprofundá-la na discussão dos estudos de internet e política, entendendo que esses elementos também devem ser colocados na análise do ativismo digital

### **REFERÊNCIAS:**

BENNET, W. Lance and TOFT, Amoshaun. "Identity, technology and narratives: transnational activism and social networks". In: **The Routledge Handbook of Internet Politics** New York: **Routledge**, 2010.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em Rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

- CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da Internet**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- CASTELLS, Manuel. **Redes de Indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2013.
- COLLINS, Randall. Social Movements and the Focus of Emotional Attention. In: **Passionate Politics**. Chicago: The University of Chicago Press, 2001.
- EYERMAN, Ron. How social movements move: emotions and social movements. In: FLAM, H. and KING, D. **Emotions and Social Movements**. New York: Routledge, 2005.
- FLAM, H. and KING, D. Introduction. In: **Emotions and Social Movements**. New York: Routledge, 2005.
- GAUTNEY, Heather. Introduction: The Beginning of the Beginning. In: **Protest and Organization in the alternative Era. NGO's, Social Movements and Political Parties**. New York: Palgrave Macmillan, 2012.
- GOODWIN, J.; JASPER, J. and POLLETTA, F. Introduction: Why emotions matter In: **Passionate Politics**. Chicago: The University of Chicago Press, 2001.
- JASPER, James M. The emotions of protest. In: Goodwin, Jeff and JASPER, James M. **The social movements reader: cases and concept – second edition**. United Kingdom: Blackwell Publishing, 2009.
- KANE, Anne. Finding Emotion in Social Movement Processes: Irish Land Movement Metaphors and Narratives. In: matter In: **Passionate Politics**. Chicago: The University of Chicago Press, 2001.
- MC ADAM, D.; TARROW, S. and TILLY, C. What are they shouting about? In: **Dynamics of Contentious**. New York: Cambridge University Press, 2001
- MELUCCI, A. The process of collective identity. In: **Challenging codes: collective action in the information age**. New York: University of Cambridge, 1996.
- NORRIS, Pipa. **Democratic Phoenix – Reinventing political activism**. Cambridge University Press, 2002.
- PEREIRA, M. A. Internet e mobilização política – os movimentos sociais na era digital. In: **Revista Teoria e Sociedade**, 2011.
- PEREIRA, M. A e SANTOS, P.P. Violência coletiva e o Facebook: os protestos de junho de 2013 no Brasil. Trabalho apresentado no IX Encontro da Associação Brasileira de Ciência Política, 2014.

POLLETA, Francesca. Why stories matter. In: **It was like a fever: Storytelling in Protests and Politics**. Chicago: University of Chicago Press, 2006

SILVA, Sivaldo Pereira. Ação coletiva e Engajamento Político na Era da Comunicação Digital: Aderência, Mobilização e Ativismo em Redes Sociais Online. Trabalho apresentado no I Seminário de Pesquisadores do Centro de Estudos em Democracia Digital, 2013.

TARROW, Sidney. **O poder em movimento: movimentos sociais e confronto político**. Petrópolis/RJ:Vozes, 2009.

TARROW, Sidney. **The Language of Contention. Revolution in Words, 1688-2012**. Cambridge University Press, 2013.

TILLY, Charles. Claims of Performances. In: **Contentious Performances**. New York: Cambridge University Press, 2008.